



Redesenho como ferramenta de ensino/aprendizagem de História da Arquitetura

Redrawing as a tool to teaching/learning History of Architecture

Redibujo como herramienta para la enseñanza/aprendizaje de Historia de la Arquitectura

STINCO, Claudia Virginia

Doutor, Universidade Presbiteriana Mackenzie, claudiavirginia.stinco@mackenzie.br

RESUMO

O presente artigo relata uma experiência com a prática do redesenho como ferramenta de ensino/aprendizagem da disciplina História da Arquitetura – modernismos e movimento moderno (final do séc. XIX até os anos 1960) – no âmbito da FAU Mackenzie. O exercício mostra-se eficiente não só no que respeita a compreensão de ideias ou conceitos contidos em obras singulares que caracterizam o período estudado, mas também porque o processo auxilia o entendimento dos diversos contextos que englobavam cada uma delas quando foram idealizadas. Assim, a partir da tentativa de reproduzir fielmente desenhos representativos do período, procura-se induzir a prática da pesquisa e escrita, com vistas a fortalecer uma atitude crítica do estudante/aprendiz/pesquisador perante a história. A experiência mostra que por meio do exercício do redesenho aprende-se muito mais sobre a obra do que estudando apenas trabalhos monográficos de história. Os resultados atingidos evidenciam a compreensão do próprio projeto-obra estudada. A condução das atividades desenvolvidas permite observar a possibilidade de um melhor aproveitamento dos alunos, seja da aprendizagem dos conteúdos da disciplina, do conhecimento das obras e/ou arquitetos do período estudado, bem como da coletivização das “descobertas” entre eles – as discussões se tornam mais objetivas e consistentes. Observa-se que à luz da temática do evento, o uso da “cópia” – aparentemente na contramão da prática criativa de aprendizagem – revelou-se estimulante e adequado ao conhecimento das obras estudadas, por se coadunar com a atividade projetual própria à forma de produção de repertório dos arquitetos.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; desenho; História da Arquitetura.

ABSTRACT

The present paper discusses the practice of redrawing as a tool for teaching/learning the discipline History of Architecture – modernism and modern movement (the end of XIX century until the 1960's) – in FAU Mackenzie. The exercise is shown to be efficient not only when it relates to assimilating ideas and concepts that are part of buildings and projects of the aforementioned architectural periods, but also as a process that helps the student to understand the diverse context of each of those at the times of their conception. Therefore, by trying to reproduce the drawings of the period as closely as possible to the originals, one hopes to instill in the students the necessity of research and writing as a way of strengthening their critical thought and capability. The experience has shown that, through the exercise of redrawing, the students understand the buildings and their concepts with much more depth than they would by only studying the literature. The results evidence the great dimensions of the studied project-building. Conducting those activities allow one to observe the improvement of the learning, whereas in the content of the discipline or in the knowledge of the architectural period. Furthermore, it is key to the collectivisation of knowledge – discussions become more consistent and objective.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

One can then argue that the use of “copying” – apparently a setback in the creative processes and practices – actually turns out to stimulate the learning of the discipline, as it dialogues with the projectual activity that is an essential part of the formation of an architect.

KEYWORDS: teaching; drawing; history of architecture.

RESUMEN

El presente artículo relata una experiencia con la práctica del redibujo como herramienta de enseñanza/aprendizaje de la disciplina Historia de la Arquitectura – modernismos y movimiento moderno (final del siglo XIX hasta los años 1960) – en el ámbito de la FAU Mackenzie. El ejercicio se muestra eficiente no sólo en lo que respecta la comprensión de ideas o conceptos asimilados en obras singulares que caracterizan el período estudiado, como también porque el proceso facilita el entendimiento de los diversos contextos que los englobaban cuando fueron idealizadas. Así, a partir del intento de reproducir fielmente dibujos representativos del período, se busca inducir la práctica de la investigación y escrita, objetivando el fortalecimiento de una actitud crítica del estudiante/aprendiz/investigador frente a la Historia. La experiencia muestra que por intermedio del redibujo se aprende mucho más sobre una obra que estudiando apenas trabajos monográficos de historia. Los resultados alcanzados ponen en evidencia la comprensión del propio proyecto-obra estudiada. La conducción de las actividades desarrolladas permite observar la posibilidad de un mejor aprovechamiento de los alumnos, sea del aprendizaje de los contenidos de la disciplina, del conocimiento de las obras y/o arquitectos del período estudiado, bien como de la coetivización de las “descubiertas” entre ellos – las discusiones se tornan más objetivas y consistentes. Se observa que, a la luz de la temática del evento, el uso de la “cópia” – aparentemente en la contramano de una práctica creativa de aprendizaje – se reveló estimulante y adecuado al conocimiento de las obras estudiadas, por coadunarse con la actividad proyectual propia a la forma de producción de repertorio de los arquitectos.

PALABRAS-CLAVE: enseñanza; dibujo; Historia de la Arquitectura.

1 INTRODUÇÃO

A temática do VII Projetar convida a pensar sobre “o lugar da originalidade na arquitetura e no urbanismo contemporâneos”, bem como no “papel da criatividade” e em “como desenvolvê-la no âmbito do ensino/aprendizagem e da prática profissional”. Nesse sentido, parece oportuna a possibilidade de apresentar uma experiência relacionada com o ensino da disciplina História da Arquitetura por meio de redesenhos – com a tentativa de reprodução fiel de desenhos dos objetos pertencentes ao período estudado – como fonte geradora de produção e entendimento das obras e ideários pelas quais foram formuladas. Este procedimento, por transitar aparentemente na “contramão” das visões de “originalidade” e “criatividade” pode, como se verá, contribuir para a aprendizagem dos conteúdos da disciplina.

A perspectiva resulta a partir da prática do ensino de História da Arquitetura 3 (HA3), cujo programa compreendia o período do modernismo e movimento moderno (finais do séc. XIX até os anos 1960). Tratava-se de uma terceira etapa que sucedia aos estudos dos períodos do Renascimento (HA1) e da Idade Média (HA2). O plano de ensino de HA3 era ministrado no quinto semestre da Faculdade de



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Arquitetura e Urbanismo Mackenzie. Com as alterações do projeto pedagógico da instituição, introduzidas no início de 2014, as disciplinas foram realocadas e a experiência aqui relatada não teve continuidade.

Na ocasião, a preocupação didática era tornar o processo de aprendizagem dos conteúdos da disciplina mais próximo às formas de conhecimento das obras do período, por meio de inquietações suscitadas pelos formatos de abordagem (via textual e de escrituras) os quais, muitas vezes, afastam os alunos de uma linguagem adequada, afeita aos fazeres do arquiteto e urbanista. A proposição didática envolveu estudos e conhecimentos buscados na compreensão de imagens e desenhos na construção dos saberes pertinentes ao período. Ou seja, a inquietação era: como tornar o processo de aprendizagem de História “tangível”, diminuindo a distância entre os livros e a “prancheta”.

É sabido que, se por um lado, o acesso às informações por internet oferece grandes vantagens em muitos sentidos – via *tablets* ou *smartphones* sempre ao alcance das mãos (não só dos alunos) – pode gerar, por outro lado, esmorecimento, uma falta de ânimo de recorrer aos “velhos” livros como fonte de conhecimento. Ainda que exerçam poder de sedução e fascínio diferenciado entre professores e alunos, os elementos que surgem nas telas desses aparelhos – imagens, textos, sons – ao “saciar” aparentemente a curiosidade, terminam muitas vezes por “sufocar”, logo ao nascer, esse desejo de saber/conhecer – especialmente nos usuários mais jovens.

As gerações nascidas a partir dos anos 1990 tomam conhecimento do mundo por internet e redes sociais, ou seja, a cotidianidade deles é indubitavelmente essa. Do fato denota-se que o nível de conhecimento assim adquirido é elementar, consistindo e resumindo-se ao campo das noções e impressões retinianas de imagens. O aprofundamento do ato de conhecimento representa, na prática docente, o propósito de orientar o estudante no exercício da atividade crítica e analítica perante os fatos em que se encontra envolvido. Para tanto, é necessário contar com uma atitude de permanente curiosidade por parte do aluno.

O desafio que se coloca, portanto, reside em estimular/provocar o aluno a sobrepujar-se ao esmorecimento mencionado anteriormente, com o propósito de instigar seu interesse em aprender e aprimorar seus estudos na carreira que escolheram, colaborando a redescobrir as motivações que os conduzem diariamente às salas de aula. No caso da disciplina HA3, a busca de um instrumental que tornasse a aprendizagem de seus conteúdos mais expressiva e significativa guiou a experiência didática objeto deste artigo.

Da procura das ferramentas que pudessem ser úteis a tais propósitos, chegou-se à prática de redesenhar desenhos representativos de projetos de época. Por desenhos representativos foram indicados para seleção obras publicadas em *“Dibujos y textos de la arquitectura del siglo XX”*, de Lampugnani (1983) e, ampliando o leque de opções, as disponíveis no acervo digital do *Museum of Modern Art – MoMA* de Nova Iorque.

Para estudantes de arquitetura, desenhar é um *prazer*, um ato relacionado ao conhecer e projetar. Por isso mesmo, é um *trabalho* que eles *querem* fazer. Dizer ao aluno que, entre os objetivos do programa de estudos do semestre está a entrega de um desenho que eles terão que escolher (entre as referências indicadas na disciplina) aguça a curiosidade, ilumina as mentes, o caminho fica aberto para a aprendizagem e aprofundamento desejados. Ademais, a prática do redesenho mostra-se eficiente não só no que respeita a compreensão de ideias ou conceitos contidos nas obras, mas também porque o processo auxilia o entendimento dos diversos contextos que englobavam cada uma delas à época em que foram idealizadas.

O resultado final (redesenho) devia ser acompanhado de um artigo historiográfico acerca da obra escolhida. Sem “roteiros” preestabelecidos, instiga-se o aluno a assumir o papel de sujeito do conhecimento e deixar-se desafiar pelo objeto a ser conhecido. Assim, a partir do redesenho, procurou-se induzir a prática da pesquisa e escrita, com vistas a fortalecer uma atitude crítica do estudante/aprendiz/pesquisador perante a História.

Na medida do possível, procurou-se dar assistência com relação às questões metodológicas, segundo a abordagem escolhida pelo aluno, seja discorrer sobre o projeto, seu autor, sobre o lugar da obra na vida do arquiteto e/ou do arquiteto dentro do panorama da arquitetura moderna. A escolha podia, inclusive, conduzir o estudante a enveredar pelos caminhos da representação gráfica como objeto de estudo, o que também resultava interessante, pois a riqueza do exercício radicava no processo, no ato de querer conhecer e interpretar, mais do que nos resultados.

2 DO PROCESSO

No caso do redesenho de desenhos representativos de projetos de arquitetura moderna, os produtos esperados eram reproduções fiéis aos originais. Ou seja, desenhos realizados à mão livre ou instrumentados, com (ou imitando) as técnicas e possíveis materiais utilizados à época em que foram

elaborados. Entretanto, as ferramentas digitais – fossem elas de pesquisa, de tratamento e/ou ajuste de imagens, ou até mesmo de desenho assistido por computador, puderam ser utilizadas durante todo o processo de elaboração do trabalho.

Os instrumentos que anteriormente perturbavam a concentração durante as aulas, passaram a auxiliar de forma significativa, não apenas por suas qualidades práticas, mas também introduzindo questionamentos de ordem crítica, como ser o alcance da reprodução nas telas ou monitores: cor, proporção, distorção, confiabilidade das fontes consultadas, entre outros.

A reprodução em si, da busca do suporte e materiais mais adequados à execução, da observação atenta aos detalhes e o intento de reproduzir os traços dos arquitetos, as técnicas retrospectivas, as dimensões e todos os procedimentos para se aproximar o mais possível ao original, tornou-se um caminho pleno de descobertas para o aluno (e para o professor).

Embora os trabalhos apresentados tenham formado um conjunto bastante interessante para contemplar, pois tratava-se de obras em tamanho muito diferente ao que estão habituados a observar nos livros de História, obviamente, as “cópias” resultantes assemelham-se, nos melhores casos, aos modelos, mas estavam longe de ser meras reproduções.

Um percurso de leitura

Por conta das pesquisas que os alunos deviam realizar, aproveitou-se para provocar a consulta a fontes primárias. Nesse sentido, procurou-se levar à sala de aula alguma obra rara, como é o caso de *Une Cité industrielle: étude pour la construction des villes*, de Tony Garnier, obra referencial para a historiografia do período estudado. Trata-se de um exemplar da primeira edição parisiense encadernada em um único volume (Paris: Auguste Vincent, [1918], 164 pranchas, 14 color, 34 cm x 44 cm) pertencente à Biblioteca Central da Escola Politécnica, USP.

Lupa em mãos (mais uma ferramenta), folheando as páginas, desdobrando os fólios com luvas (a implantação da *Cité* ocupa uma folha tamanho 2 A0), os alunos foram descobrindo detalhes e fazendo perguntas, comentários, chamando a atenção de colegas para um ou outro pormenor encontrado, tratando de calcular o tempo dispensado à realização de um projeto de tamanha magnitude, na época em que foi realizado, com os instrumentos que se dispunham, sem computador, softwares para desenho e seus blocos prontos. (Figuras 01 e 02).

Figuras 01 e 02: Aula de estudo de desenhos de projetos de arquitetura moderna – o redesenho enquanto processo de aprendizagem de história. Aproximação e contato físico de alunos da FAU Mackenzie com fontes primárias durante aula de História da Arquitetura 3 (prof. Claudia Stinco).



Fonte: Fotografias realizada pela autora, set. 2012 (fig. 01) e agosto 2013 (fig. 02).

Mais do que repassar a carreira do arquiteto francês ou analisar/criticar suas propostas de cidade para o novo século, das diversas escalas e objetos contidos no programa idealizado, o objetivo maior era conduzir o aluno “às fontes”, possibilitar literalmente o contato *físico* com um projeto de referência, citada por quase todos os autores dos livros de História com os quais costuma-se trabalhar, ilustrados com uma ou outra lâmina como no exemplo da *Cité* de Garnier – frações, reduzidíssimas, geralmente repetições das mesmas. Para além da utopia, o que interessava fazer observar/perceber era a profusão de desenhos elaborados pelo arquiteto e urbanista francês, usados como linguagem para transmitir suas ideias.

Diga-se de passagem, o corpo do livro constitui-se de conjunto de 164 fólios (numerados), introduzido por um memorial descritivo de cinco páginas às quais se somam outras três contendo o programa sumariado; estas oito páginas não são numeradas nem contabilizadas na ficha catalográfica do livro (na obra, o fólio 01 corresponde a uma prancha tamanho 2 A0 contendo a implantação geral da proposta apresentada em 1904).

Aproveitou-se a oportunidade para chamar a atenção dos alunos nesse sentido, ou seja, o autor valeu-se quase que exclusivamente do uso da linguagem arquitetônica – desenhos em várias escalas, desde perspectivas aéreas aos detalhes dos equipamentos internos das residências – para explicar a sua visão do que poderia vir a ser uma “cidade industrial”, relegando o uso da palavra escrita à



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

introdução de sua proposta. Claro que um livro com estas características demanda do leitor outro tipo de atitude perante a obra, pois requer tempos de “leitura” e compreensão diferenciados. A experiência em sala de aula, embora não permita uma apreciação apurada dos inúmeros detalhes do projeto, atendeu ao objetivo de aguçar a curiosidade da maioria dos estudantes.

Em aulas posteriores, continuou-se a perseguir o tema das fontes para estudo de desenhos de arquitetura moderna. Por meio de slides e alguns outros livros colocados à disposição dos alunos, buscou-se induzi-los cada vez mais a observar o desenho, como objeto, como peça de museu. Em uma das aulas expositivas, a primeira imagem – uma lâmina do livro de Lampugnani (1983: 19) – foi mostrada propositadamente sem legendas. “O que vocês estão vendo?” Apesar da peça ter adquirido dimensões ampliadas com o uso do projetor multimídia, não era fácil perceber que se tratava de um desenho de perspectiva de uma residência, onde o observador encontrava-se a nível do chão e uma casa “minúscula” figurava no topo de uma encosta – em uma composição alongada, sugerindo uma relação com gravuras japonesas.

A seguir, abriu-se o livro na página em que foi extraída a imagem e forneceram-se alguns detalhes do desenho original, como título da obra, data, autor, medidas, técnicas utilizadas, acervo ao qual pertencia a obra. Por força do hábito, a leitura destes pormenores pode parecer desnecessária ou redundante (além de maçante) para o leitor deste artigo, mas para os objetivos do relato e do exercício *per se* são essenciais.

No caso, tratava-se de um desenho de perspectiva da *Thomas P. Hardy House*, 1905, de Frank Lloyd Wright, medindo 48.3 x 14 cm, para o qual o autor utilizou lápis de cor, tinta marrom e aguada de nanquim branco, peça esta pertencente ao acervo do *FLW Memorial Foundation*, Scottsdale, Arizona. A fotografia do desenho reproduzida em Lampugnani faz parte do acervo do MoMA, Nova Iorque. A descrição comparece ao final do livro, no índice das ilustrações. Todo o “percurso de leitura”, a busca das informações, o manuseio do livro, realizou-se na frente dos alunos, orientando o trabalho de pesquisa, “como se estuda”. Afinal, o exercício do redesenho requeria aprender a buscar fontes fidedignas.

A descrição da imagem ao final do livro revelou tratar-se de um desenho a cores. Contudo, não era o que se via na página em que a peça aparece reproduzida. Insistiu-se, e com o auxílio da internet, encontrou-se uma cópia colorida¹ do mesmo, apresentada aos alunos para apreciação no slide seguinte.

Aproveitou-se para chamar a atenção dos estudantes para as propriedades físicas do livro: medidas, tipo de papel, qualidade de impressão, tamanho das imagens, se a cores ou preto e branco. O livro de Lampugnani circulou pela sala de aula, para que os alunos pudessem observar o desenho de Wright estampado na página aberta: ainda que ocupando toda a folha (tamanho A4) e com boa qualidade gráfica, a perspectiva comparece reduzida (e em escala de cinza).

A partir dessas premissas, os slides seguintes apresentaram-se com legendas. Os alunos foram percebendo detalhes que eram dados a conhecer, indagaram a respeito de uma ou outra técnica, até se depararem com algum “exagero” como era o caso da prancha que continha uma perspectiva exterior do *Friedrichstrasse Skyscraper Project* (1919), Berlin-Mitte, Alemanha, de Mies Van der Rohe: 173.4 x 121.9 cm, desenho realizado a grafite e carvão sobre papel².

A imagem foi reproduzida na tela e em silêncio, abrindo margem para manifestação dos alunos. Alguns se davam conta de que a prancha era mais alta do que eles mesmos e outros indagavam como teria feito o arquiteto para realizar um desenho nessas dimensões, qual seria o tamanho da mesa, das réguas, do compasso, quanto tempo teria demorado o desenhista em executá-lo, etc.

Desta maneira procurou-se abrir as portas do “tempo e do espaço” que os estudos de História permitem, utilizando como chave desenhos selecionados do acervo do MoMA de Nova Iorque. Trabalhando *on-line* no site do museu durante a aula, orientando os diversos caminhos de busca, separando as peças por décadas (1920, 1930, 1940, 1950 e 1960), os alunos podiam escolher entre desenhos de projetos ou outras formas de representação gráfica (cartazes, colagens, estudos de padrões têxteis ou tipográficos), a fim de realizar uma cópia, o mais próxima possível, do “original” – incluindo materiais e técnicas observadas na ficha descritiva que acompanhava cada peça.

Sobre os resultados (“cópias”), a distância tornou obviamente impeditiva a comparação com os originais. Ainda que um ou outro estudante tenha tido a possibilidade de visitar o museu novo-iorquino, foi importante para “refrescar a memória” quanto às diferenças existentes entre um desenho – o objeto original, a “peça do museu” – e a imagem do mesmo – as fotografias das peças que vem-se reproduzidas nos livros de História da Arte ou da Arquitetura. Não obstante, a partir de “cópias da cópias”, objetivava-se impulsionar os alunos a avançar por caminhos de *“investigação criativa e inconformista”*, como diria Rocha-Peixoto (2013: 98).

A condução do fazer

Escolhida a peça a ser reproduzida, os alunos buscavam, na maioria dos casos, o caminho mais “fácil” que era selecionar uma imagem do desenho em alta resolução em outros sites da internet, imaginando poder imprimir uma “base”, colocar uma folha de papel manteiga por cima e realizar a cópia sem grandes sobressaltos. E assim, no fazer, apareceram novos desafios, como ser o ajuste das dimensões: “as medidas que constam no site do MoMA correspondem ao desenho em si ou à folha de desenho?”, indagavam os alunos. Esses ajustes foram ótimos para exercitar a observação da peça/objeto (por se alguém ainda não havia entendido o problema), bem como as aptidões dos estudantes adquiridas em outras disciplinas. Em alguns casos, também viram-se vantagens em permitir que o mesmo desenho fosse estudado e executado por vários alunos, pois a comparação de resultados entre pares resultou prolífica.

Outro problema interessante foi levantado no tocante à cor: “encontramos na internet várias imagens dessa obra, mas as cores (tonalidades) são todas diferentes; como saber qual é a certa?”. Os questionamentos surgidos neste quesito compuseram um quadro riquíssimo de variáveis que foram exploradas, pois a “veracidade” observável nos desenhos depende de uma série de fatores. Um deles, por exemplo, era (e continua sendo) a ampla gama de equipamentos disponível no mercado (monitores de marcas diversas, tamanhos, qualidade de resolução de telas), dos dispositivos utilizados para obtenção de imagens (câmeras fotográficas, scanners), etc., os quais interferem na qualidade das imagens reproduzidas.

Havia que considerar também a “origem” da primeira imagem. No melhor dos casos, podia tratar-se de uma belíssima fotografia em alta resolução do desenho “original” disponibilizada diretamente na rede (muito raro), ou de reprodução obtida por escaneamento de livro de qualidade gráfica excepcional (raro), e por aí segue. O mais provável era que estivessem lidando com imagens bastante desvirtuadas, seja por tratar-se de cópias de cópias, seja as imagens fossem produto de outros redesenhos (interpretações) carregados à rede.

O leque de dificuldades é amplo. Contudo, e graças a elas, o exercício foi ganhando complexidade, abrindo uma série de possibilidades de abordagem para o ensino/aprendizagem dos conteúdos da disciplina.

O trabalho que buscou-se conduzir foi avaliado em três etapas, podendo ser realizado individualmente, em duplas ou equipes de até cinco alunos: 1_dos levantamentos iniciais, apresentados em forma de pôster aos demais colegas em sala de aula; 2_da elaboração de um artigo contendo até 10 páginas, podendo versar sobre a obra escolhida (leitura de projeto ou sobre o desenho em si), ou sobre o arquiteto/autor do projeto escolhido; 3_da entrega dos redesenhos/reproduções, acompanhados de ficha técnica, contendo sinopse da obra e breve resumo do processo de reprodução do desenho.

Para um melhor aproveitamento, o ideal teria sido trabalhar com mais professores (a experiência relatada foi elaborada e executada por apenas um) e com equipes menores. Mas o número de alunos por turma (quatro turmas de aprox. 50 alunos) e o escasso tempo de duração das aulas (dois módulos semanais de 50 minutos) foram fatores relevantes na determinação de medidas práticas e exequíveis.

Ao cabo de três semestres na condução da disciplina (antes da mudança curricular), aplicando e aprimorando o exercício de redesenho, reuniram-se mais de 300 trabalhos, dos quais 80 foram selecionados e exibidos em outubro de 2013, dentro do evento *Viver Metrôpole*³ daquele ano (Figs. 03 e 04).

Figuras 03 e 04: Exercício de História da Arquitetura III FAUMackenzie. Professora Claudia Stinco. Mostra de trabalhos de alunos realizada em outubro de 2013 no âmbito do *Viver Metrôpole* da FAUM. Na imagem à esquerda, destaque para uma das peças “copiadas”: medindo 45.1 x 544.8 cm, colagem de Guillaume Jullian de la Fuente (1967), fruto de uma segunda fase do projeto não realizado de Le Corbusier de um Hospital em Veneza (1964-65). A “recolagem”, neste caso, foi realizada pelas alunas Luiza Stoler e Hellen Zheng (2013)



Fonte: Fotografias da autora, outubro/2013.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Sem entrar nos pormenores da empreitada, resultou gratificante perceber o entusiasmo dos alunos ao ver seus trabalhos expostos, fazendo *selfies* ao lado de suas produções, bem como descobrir entre as declarações deixadas no livro de visitas: “[...] *O exercício, mesmo que seja uma cópia, é muito inspirador. Principalmente para quem faz... e tem a percepção (de) que é capaz de chegar a resultados inimagináveis. R.B.*”; “[...] *Somos do 4º semestre e apreciamos muito o trabalho dos alunos. Gostaríamos que essa matéria continuasse no ano que vem. Gostamos TANTO que já é a 3ª vez que estamos aqui olhando. [...] J e J*”; “[...] *O redesenho de obras conhecidas e importantes na História da Arquitetura é um exercício muito interessante que traz como resultado essa mostra de desenhos e que cada visitante tem sua leitura e busca na memória de um jeito próprio, faz sua interpretação da releitura... [...] M.R.B*”; “[...] *Abordar uma vertente tão interessante e tão pouco praticada em nosso curso, é muito importante para todos! [...] V.M.*”; “[...] *É tudo tão encantador aos olhos que eu resolvi não ler pra não perder a magia do desconhecido. E.F.*”; “[...] *uma maneira mais leve e gostosa de se tratar arquitetura e a vida acadêmica além do trefismo extremo e desgastante. C.V.*”; “[...] *O resultado me surpreendeu, não imaginei quando estava ajudando. [...] G.N.*”.

Interessantes declarações também foram deixadas por colegas docentes: “[...] *Esta mostra trouxe-me enorme alegria pelo prazer estético que despertou. Ele estava praticamente adormecido. [...] C.G.M.*”; “[...] *É sempre bom ver que o espírito colaborativo entre meios de representação e expressão na construção do saber artístico (arq.) vive! M.S.*”; “[...] *Trabalhar a percepção do olhar é tudo que precisamos!!! C.R.*”; “[...] *faz lembrar porque decidimos ser arquitetos. J.T.*”.

A avaliação de trabalhos monográficos muitas vezes se encerra na entrega final, mantendo distante o trabalho individual da interatividade com os demais colegas. Na avaliação dos produtos da disciplina, a exibição dos resultados, ou seja, dos redesenhos realizados, permitiu o reconhecimento das várias obras estudadas, com o consequente compartilhamento das experiências de reconhecimento das propostas nelas existentes.

3 DA VANTAGEM DE ESTUDAR A HISTÓRIA A PARTIR DO REDESENHO

A experiência mostrou que por meio do exercício do redesenho aprende-se muito mais sobre a obra do que realizando exclusivamente trabalhos monográficos de História, baseados em fontes bibliográficas. Nos livros, via de regra, a linguagem textual prevalece às imagens (desenhos,

fotografias, croquis). Estas são vistas não como fonte de conhecimento, mas quase sempre como meras ilustrações de ideias ou conceitos.

Na experiência realizada, a aprendizagem da disciplina de História valeu-se de certa bagagem obtida das aulas realizadas junto ao grupo de professores de Expressão e Representação I e II, no primeiro ano do curso, a qual contemplava atividades de desenho livre, desenho técnico, desenho assistido por computador e composição tridimensional.

Tratou-se de usar a mesmo percurso para o estudo e fazimento dos redesenhos, ou seja, incrementando os instrumentos de observação por meio dos elementos gráficos de reconhecimento dos distintos fatores que se apresentam em um projeto, desvendando a sua história. A condução das atividades permitiu observar a possibilidade de um melhor aproveitamento dos alunos, seja da aprendizagem dos conteúdos da disciplina, do conhecimento das obras e/ou arquitetos do período estudado, bem como da coletivização das “descobertas” entre eles – as discussões se tornaram mais objetivas e consistentes.

Rocha-Peixoto (2013) diz ter apostado “mais na habilidade artesanal de tecer redes de significados a partir de estímulos objetivos” (ROCHA-PEIXOTO, 2013, p. 98). Nesse sentido, poderia se dizer que os exemplos de práticas pedagógicas relatados possuem posturas similares, especialmente no que concerne ao desejo de permanecer como “*work in progress*”.

A ideia de que uma “cópia fiel” é um procedimento acadêmico, que conduz à baixa criatividade ou originalidade, pode ser revista no ensino de Arquitetura. No caso do estudo de História, ela tornou-se um instigante instrumento para a aprendizagem dos conteúdos envolvidos na disciplina. Pensa-se que à luz da temática do evento, a proposta do redesenho como ferramenta de ensino/aprendizagem, relacionando os conteúdos de História da Arquitetura aos conhecimentos projetuais poderia, na aparente contramão de processos criativos, se coadunar às discussões instigadas pelo VII Projetar.

4 REFERÊNCIAS

GARNIER, Tony. *Une Cité industrielle: etude pour la construction des villes*. 1ª ed. Paris: A. Vincent, 1918 (164 fôlios, 34 cm x 44 cm).

LAMPUGNANI, Vittorio Magnano. *Dibujos y textos de la arquitectura del siglo XX. Utopía y realidad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

MoMA – *Museum of Modern Art*. Site da instituição disponível em:

<http://www.moma.org/collection/advancedsearch.php>

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. *A estratégia da aranha*. Ou: da possibilidade de um ensino metahistórico em arquitetura. Rio de Janeiro: PROARQ / Rio Book's, 2013.

NOTAS

¹ A imagem colorida do desenho de Wright comparece em uma página web intitulada “*Arquitectura en dibuixos exemplars*” da Escola Tècnica Superior d’Arquitectura del Vallès, Sant Cugat del Vallès (Barcelona) – ETSAV – UPC, Universitat Politècnica de Catalunya. Disponível em: http://www.etsavega.net/dibex/Wright_dibuixos.htm

² O desenho de Mies do *Friedrichstrasse Skyscraper Project*, 1919, comparece em LAMPUGNANI (1983: 48) e pertence ao acervo do MoMA-NY.

³ O “Viver Metròpole” acontece dentro da *Semana de Arquitectura*, organizada pelo diretório acadêmico da FAU Mackenzie nos meses de outubro de cada ano (desde 2003, no espaço da extinta “semana do saco cheio”).